

# Uma abordagem para o estudo da relação entre as noções de gêneros e tipos do discurso

(An approach for the study of the relation *between* the concepts of genres of discourse and types of discourse)

**Gustavo Ximenes Cunha<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>Instituto de Ciências Sociais Aplicadas – Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG)

gustavo.cunha@unifal-mg.edu.br

**Résumé:** Ce travail se base sur l'hypothèse suivant laquelle les notions de genre et de type de discours sont si liées que chaque genre possède des types spécifiques. Selon cette hypothèse, les types ne sont ni universels ni atemporels, comme le suggèrent certaines études contemporaines de textes et de discours, mais, au contraire, socialement et historiquement déterminés, ainsi que les genres dont ils participent à la composition. Fondée sur cette hypothèse, cette recherche a pour objectif global d'étudier la façon dont se caractérise ce type narratif spécifique du genre du reportage et comment celui-ci s'actualise dans la construction des séquences narratives extraites dans d'exemplaires de ce genre.

**Mots-clés:** genre de discours; type de discours; type narratif.

**Resumo:** Subjaz a este trabalho a hipótese de que as noções de gênero do discurso e de tipo de discurso são de tal forma imbricadas que cada gênero possui tipos específicos. De acordo com essa hipótese, os tipos não são universais e atemporais, como defendem abordagens contemporâneas do texto e do discurso, mas são tão sócio-historicamente determinados quanto os gêneros, de cuja composição participam. Com base nessa hipótese, esta pesquisa tem o objetivo geral de investigar como se caracteriza o tipo narrativo específico do gênero reportagem e como esse tipo se atualiza na construção de sequências narrativas extraídas de exemplares desse gênero.

**Palavras-chave:** gênero do discurso; tipo de discurso; tipo narrativo.

## Introdução

Nos estudos da linguagem, é relativamente consensual a hipótese de que os gêneros (textuais/discursivos) dizem respeito a formas relativamente estáveis de enunciados sócio-historicamente constituídos, ao passo que os tipos (textuais/discursivos) são sequências textuais com características bem definidas, que entram na composição de exemplares de todos os gêneros.<sup>1</sup> Como decorrência dessa hipótese geral, defende-se que os gêneros são variados e quase infinitos (notícia, poema, romance, canção, bula de remédio, ata de condomínio, entrevista, reportagem, debate, etc.), enquanto os tipos se limitam a meia dúzia de categorias (narração, descrição, argumentação, explicação, diálogo, injunção).

A hipótese da dicotomia entre gênero e tipo ou da transversalidade dos tipos em relação aos gêneros (SCHNEUWLY, 2004) é problemática para os estudos da linguagem,

---

<sup>1</sup> Nesta parte inicial do trabalho, não fazemos distinção entre as perspectivas textuais e discursivas dos gêneros e tipos, porque, apesar das diferenças entre as abordagens que seguem uma ou outra perspectiva (ROJO, 2005), ambas as perspectivas compartilham a hipótese mencionada. Mas, como será mostrado adiante, este trabalho se filia, de modo geral, à perspectiva discursiva das noções de gênero e de tipo, por considerar essas noções de um ponto de vista mais situacional e menos linguístico.

porque deixa sem respostas satisfatórias pelo menos duas questões importantes para a compreensão do modo como elaboramos e interpretamos produções discursivas:

- Qual é o modo típico de narrar, descrever, argumentar em dado gênero?
- Como um dado gênero contribui para a constituição do modo típico de narrar, descrever, argumentar nesse gênero?

De modo geral, essas questões não fazem parte do rol de questões a serem respondidas pela maior parte das abordagens atuais do texto e do discurso. Afinal, se o tipo é uma entidade descontextualizada e transversal em relação a todos os gêneros, não haveria um modo de narrar, descrever, argumentar característico ou típico de um dado gênero, mas apenas um modo geral e universal de narrar, descrever, argumentar, o qual seria comum a todos os gêneros, exatamente por ser independente de determinações genéricas (sociais, históricas, culturais).

Posicionando-se contra a hipótese da universalidade e atemporalidade dos tipos ou da transversalidade dos tipos em relação aos gêneros, este trabalho levanta outra hipótese, segundo a qual as noções de gênero e de tipo são de tal forma imbricadas que cada gênero possui tipos específicos. Em outros termos, cada gênero se caracteriza por um modo típico de narrar, descrever, argumentar, etc., o que leva a compreender a noção de tipo como subordinada à de gênero. Nessa perspectiva, o modo típico de narrar do gênero reportagem seria diferente do modo típico de narrar do gênero conto. Da mesma forma, o modo típico de argumentar do gênero artigo científico seria diferente do modo típico de argumentar do gênero bate-papo.

Neste trabalho, propomos uma abordagem que se guie pela hipótese aqui defendida de que as noções de gênero e de tipo são de tal forma imbricadas que cada gênero possui tipos particulares. A exposição dessa abordagem recupera parte da pesquisa desenvolvida em Cunha (2013).

### **Uma proposta para o estudo da imbricação das noções de gêneros e de tipos**

Neste item, apresentamos uma caracterização dos instrumentos de análise dessa abordagem e de como eles podem ser empregados no estudo de um tipo de discurso de um gênero específico: o tipo narrativo da reportagem. Do ponto de vista metodológico, a abordagem propõe que a análise se faça em três etapas. Na primeira, estuda-se o gênero do discurso cujos tipos de discurso serão caracterizados. Na etapa seguinte, investiga-se o impacto desse gênero sobre a constituição dos tipos, a fim de descobrir a maneira como nesse gênero tipicamente se narra, descreve ou argumenta. Na terceira etapa, os tipos elaborados na etapa anterior são empregados na identificação de sequências discursivas extraídas de exemplares do mesmo gênero.

#### **Os gêneros do discurso**

Os gêneros podem ser definidos como o componente sócio-histórico das produções discursivas. Reportando-se a Bakhtin (2003), observa Filliettaz (2006, p. 75): “os discursos não emergem do nada e não fazem o objeto de uma (re)invenção perpétua, mas repousam sobre *gêneros* e modelos intertextuais sócio-historicamente constituídos”. Nesse sentido, os gêneros dizem respeito a conhecimentos compartilhados pelos mem-

bros de uma coletividade, conhecimentos que atuam como os princípios organizacionais que regem uma atividade social intersubjetiva reconhecida (FILLIETTAZ, 2000).

Aproximando as noções de gênero do discurso, de Bakhtin, e de enquadre da experiência, de Goffman (2012[1986]), Filliettaz (2006, p. 75) define o termo *atividade*, trazendo esclarecimentos suplementares acerca da noção de gênero que adota: “o termo atividade designa para nós, no plano sócio-histórico, práticas atestadas, que se distinguem por seu caráter recorrente, pelo fato de que são coletivamente validadas e são próprias a um sub-domínio da vida social”. Ainda segundo o autor (FILLIETTAZ, 2006, p. 76), as atividades são práticas “cujo funcionamento obedece a regras relativamente estáveis, a propósito das quais os indivíduos elaboram representações de caráter tipificante lhes permitindo ‘enquadrar’ sua experiência. É nesse nível que mecanismos de tipo genérico atuam”.

Nessa perspectiva cognitivo-interacionista, cada gênero diz respeito a um conjunto de representações esquemáticas e sócio-historicamente adquiridas que os membros de uma coletividade ativam para participar das atividades sociais. Em outros termos, diferentemente de abordagens que concebem os gêneros como feixes de propriedades linguísticas e textuais, os gêneros são por nós entendidos como representações esquemáticas socialmente partilhadas sobre as condições de produção dos discursos ou sobre o mundo em que o discurso se insere.

No que se refere ao gênero reportagem impressa, a representação que o define deve se compor de propriedades típicas do mundo em que as reportagens se inserem (CUNHA, 2013, 2014). Dessa forma, toda reportagem impressa tem um autor e um leitor. Essas instâncias agentivas assumem, respectivamente, os *status* sociais institucionalmente definidos de jornalista e de cidadão.<sup>2</sup>

A participação desses agentes em uma dada atividade (produzir/ler uma reportagem) se justifica por meio de finalidades ou visadas específicas (CHARAUDEAU, 2004). Enquanto o jornalista busca informar e captar o leitor, bem como satisfazer suas exigências de credibilidade e de atualidade, o leitor busca informar-se, consumir um produto comercial e validar suas exigências de credibilidade e de atualidade (CHARAUDEAU, 2006; CUNHA, 2009).

Na atividade que define a reportagem, opera-se ainda uma seleção dos conteúdos comumente mobilizados pelos agentes. Esses conteúdos são mais ou menos estáveis e costumam ser indicados pelas diferentes rubricas ou cadernos de um jornal ou revista: política, cotidiano, esporte, cultura, etc. (CHARAUDEAU, 2006). Além disso, a veiculação de qualquer reportagem impressa está associada a um suporte, ou seja, a um local físico de fixação e circulação da produção discursiva (jornal, revista) (MARCUSCHI, 2003), que tem uma materialidade interacional característica e uma data de publicação.

Tal como definida, essa representação genérica da reportagem deve ser entendida como o produto sócio-histórico de condutas sociais efetivas e, por isso, forma um feixe de conhecimentos com o qual é possível definir o gênero reportagem. Como veremos a

---

<sup>2</sup> O *status* social do autor é o de jornalista, porque, segundo Charaudeau (2006, p. 73), no discurso midiático o jornalista “não é o único ator, mas constitui a figura mais importante”. Quanto ao leitor, o seu *status* é o de cidadão, porque, como as questões e os acontecimentos abordados nas reportagens interessam à coletividade, é a uma instância cidadã que o jornalista se dirige (HERNANDEZ, 2006).

seguir, a representação genérica tem impacto sobre a constituição do mundo representado nos tipos de discurso. Especificamente, a representação de um gênero influencia a constituição dos tipos, porque cria expectativas quanto às propriedades referenciais que esperamos encontrar nas sequências em que os tipos se atualizam.

## O impacto do gênero do discurso sobre os tipos de discurso

Como vimos, o gênero se refere a uma representação referencial ou a um conjunto de conhecimentos esquemáticos relativos ao mundo em que o discurso se insere. Diferentes estudos apontam para o impacto do gênero sobre o mundo representado no discurso e sobre os recursos textual-discursivos empregados em sua representação.

Sendo assim, é necessário investigar o impacto da representação genérica sobre as representações referenciais que definem os tipos de discurso. Em outros termos, a definição de um tipo de discurso deve resultar da percepção do impacto do mundo em que o discurso se insere (gênero do discurso) sobre o mundo que o discurso representa (tipo de discurso).

A seguir, apresentamos o tipo narrativo da reportagem, expondo a definição de cada um dos episódios que o constituem. A caracterização de cada episódio, detalhadamente exposta em Cunha (2013, cap. 5), se pautou na percepção de elementos recorrentes em um *corpus* de sequências narrativas. Esse *corpus* se constitui de 129 sequências narrativas extraídas de dezesseis reportagens publicadas em janeiro de 2010 nas revistas *Carta Capital*, *Época*, *IstoÉ* e *Veja*. Essa análise revelou que o tipo narrativo da reportagem diz respeito a uma representação referencial composta por seis episódios: *sumário*, *estágio inicial*, *complicação*, *avaliação*, *resolução* e *estágio final*.

Na parte inicial de 64 sequências narrativas do *corpus*, foi constatada a presença de um segmento discursivo em que o jornalista oferece indicações sobre o conteúdo de que trata a sequência narrativa. A recorrência de segmentos com essa característica levou à proposição do episódio *sumário*. A leitura desse episódio motiva perguntas como estas: Como?, Por quê?, Como assim?, perguntas que são respondidas no restante da narrativa.

Em 98 sequências narrativas, há um segmento em que o jornalista oferece as coordenadas temporais e/ou espaciais dos acontecimentos tratados na sequência ou fornece informações que contextualizam esses acontecimentos. A presença desses segmentos em sequências narrativas de reportagens impressas parece se dever à busca do jornalista por atender à exigência de credibilidade do leitor, que, para crer na veracidade do que lhe é informado, precisa de informações acerca do momento e do local dos acontecimentos, bem como das circunstâncias que motivaram sua emergência (CHARAUDEAU, 2006). Esses segmentos foram reunidos sob o episódio *estágio inicial*.

Em todas as sequências narrativas, há um segmento cuja temática desenvolve as informações expressas no subtítulo da reportagem e/ou no sumário da sequência narrativa, quando esta apresenta esse episódio. Nesse segmento, o jornalista tematiza acontecimentos centrais que motivaram a própria escrita da reportagem e em relação aos quais os demais episódios indicam um antes e um depois, apresentam esclarecimentos e justificativas ou expressam uma postura avaliativa por parte de alguma instância enunciativa. A recorrência de segmentos com essas características me levou a propor um episódio, que denomino *complicação*.

Vale esclarecer que a complicação do tipo narrativo da reportagem se difere da do tipo narrativo do relato de experiência pessoal estudado por Labov (1972), já que, como nesses relatos o locutor narrava uma situação em que correu risco de vida, era indispensável que a complicação expressasse acontecimento singular e inédito, digno de ser narrado. Portanto, ao contrário do que ocorre na complicação do gênero reportagem, a complicação do gênero relato de experiência pessoal não precisa ser recente e afetar a coletividade, bastando ser imprevisível.

Em 85 sequências narrativas, foram identificados segmentos em que o jornalista ou um personagem do mundo representado avalia acontecimentos expressos em outros episódios. Nesses segmentos, reunidos sob o episódio *avaliação*, é possível responsabilizar uma instância enunciativa por um ponto de vista acerca da informação expressa em quaisquer outros episódios do tipo narrativo, com exceção do sumário, que, talvez por apresentar uma natureza avaliativa, não foi objeto de avaliação em nenhuma sequência do *corpus*.

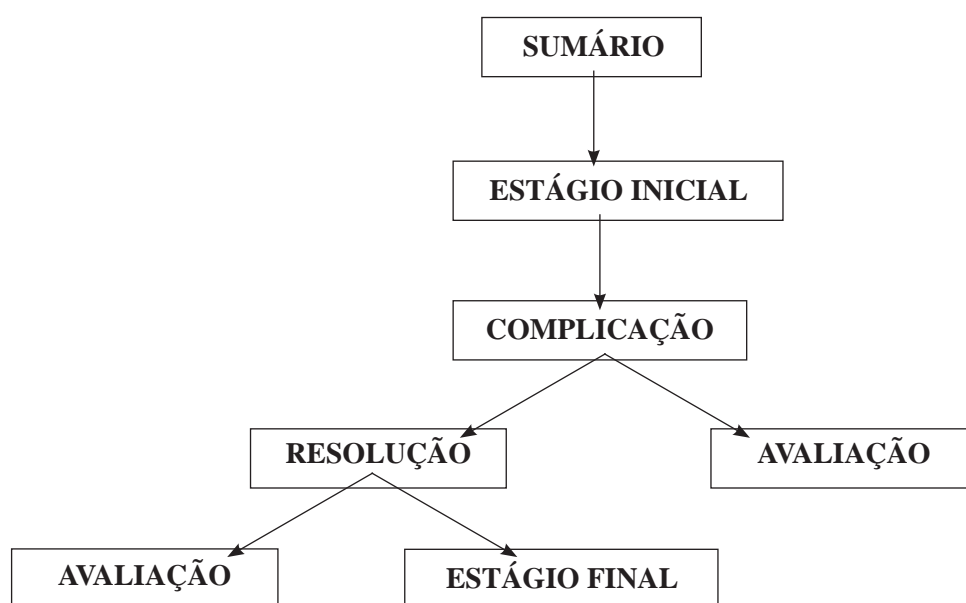
Na análise, foi possível separar em dois tipos maiores as avaliações identificadas. De um lado, estão aquelas cuja responsabilidade enunciativa recai sobre o jornalista. Ou seja, nesse caso, é o próprio jornalista quem faz a avaliação. De outro lado, agrupam-se as avaliações cujos responsáveis são personagens do mundo representado. Nessas, o jornalista encena personagens realizando avaliações.

Em 91 sequências do *corpus*, o jornalista trata do resultado do acontecimento expresso na complicação, indicando que esse acontecimento deu origem a outros e satisfazendo a necessidade do leitor/cidadão de ser informado de toda a cadeia de acontecimentos, cujo cerne é a complicação. A recorrência dos segmentos que expressam esses outros acontecimentos levou à proposição do episódio *resolução*.

Em 38 sequências narrativas do *corpus*, o jornalista traz um segmento que apresenta o momento final dos acontecimentos expressos na sequência. Diferentemente da situação final de narratólogos que estudaram gêneros literários, nas sequências narrativas de reportagens, os segmentos que apresentam o momento final não têm como finalidade expressar uma nova situação de equilíbrio, em que os personagens, após as peripécias do enlace e do desenlace, se encontram em um estado diferente daquele em que estavam na situação inicial.

Na reportagem, esses segmentos indicam as ações ou as situações que estão mais próximas do momento da enunciação (a publicação da reportagem). Nesse sentido, eles têm como função indicar que os acontecimentos expressos ao longo da sequência narrativa resultaram em um estado ou em uma ação final que, ainda *agora*, no momento em que a reportagem é publicada, tem relevância para o leitor/cidadão e pode, de alguma forma, interferir em suas atitudes. Com base nesses segmentos, propomos a incorporação ao tipo narrativo da reportagem do episódio *estágio final*.

Esses episódios podem ser agrupados na seguinte representação referencial do tipo narrativo da reportagem.



**Figura 1.** O tipo narrativo da reportagem

Diferentemente dos protótipos sequenciais de Adam (1992, 1999), essa representação não tem um caráter prototípico universal, uma vez que não subjaz às sequências narrativas produzidas no quadro de quaisquer gêneros do discurso. Dito de outra forma, essa representação não é transversal em relação aos gêneros, pois busca dar conta da produção e da interpretação das sequências narrativas pertencentes apenas a reportagens e, portanto, está profundamente atrelada às visadas e às instâncias enunciativas desse gênero. Além disso, como ela é elaborada a partir de um *corpus* de sequências narrativas extraídas de reportagens publicadas em janeiro de 2010, essa representação, assim como o gênero a que se subordina, é um construto profundamente sócio-histórico, não sendo válida para estudar, por exemplo, as sequências narrativas de reportagens publicadas há um século.

Nesse sentido, ela deve ser compreendida como um recurso referencial de que lançamos mão sempre que precisamos produzir ou interpretar os segmentos narrativos de uma reportagem e não se aplica, portanto, à análise de sequências narrativas encontradas em exemplares de outros gêneros ou em reportagens produzidas em outros momentos históricos.

No próximo item, expomos a terceira etapa da abordagem proposta neste trabalho. Definidos os tipos de um gênero com base na recorrência de elementos encontrados em um *corpus* de sequências discursivas, é possível, na terceira e última etapa, utilizar os tipos assim elaborados para identificar novas sequências discursivas, presentes em outras produções discursivas pertencentes ao mesmo gênero. No item a seguir, veremos como o tipo narrativo da reportagem, elaborado neste item, pode ser empregado na percepção de que um segmento de uma reportagem pertence a esse tipo.

## A identificação das sequências discursivas

Assim como propõem Roulet, Filliettaz e Grobet (2001), esta abordagem considera que os tipos de discurso devem funcionar como instrumentos de análise que permitem extrair as sequências discursivas. Dessa forma, estabelecemos, aproximando-nos dos autores mencionados, uma distinção entre tipo de discurso e sequência discursiva. Enquanto o primeiro termo diz respeito a uma representação referencial típica que define como se narra, argumenta ou descreve em dado gênero, as sequências constituem segmentos discursivos empíricos em que os tipos se realizam ou se manifestam.

Neste trabalho, vimos defendendo que os tipos são profundamente atrelados aos gêneros. Como consequência dessa imbricação das noções de gênero e tipo, é possível levar em consideração, no estudo das sequências de uma produção discursiva, elementos extralinguísticos ligados aos gêneros que, de modo geral, costumam ser negligenciados ou subestimados pelas abordagens que se guiam pela hipótese da universalidade e atemporalidade dos tipos.

Para mostrar o alcance desta proposta, que retira sua singularidade da profunda integração entre os gêneros e os tipos, propomos uma análise deste segmento extraído de uma reportagem<sup>3</sup>.

### (01) **Mar de lama**

Em 1998, mineiros e capixabas se animaram com o início da construção da BR-342, que ligaria o norte do Espírito Santo a Minas Gerais. Para pavimentar os 106 quilômetros da rodovia, foram celebrados três contratos com duas empreiteiras. Nos três o TCU encontrou sobrepreço – sempre na casa de 50% do valor global. Além disso, parte dos serviços que as empreiteiras alegam ter executado não foi fiscalizada pelo governo. Por fim, o valor dos contratos aumentou sem nenhuma justificativa técnica. Uma estranheza atrás da outra. Como a obra se tornou um sorvedouro de dinheiro público, o TCU pediu sua paralisação. Hoje, há apenas 33 quilômetros asfaltados. Outros 27 quilômetros são transitáveis, mas ainda não receberam uma gota de asfalto. Nos 46 quilômetros restantes, a obra nem sequer foi iniciada.

No plano referencial, o jornalista representa um mundo discursivo que é disjuncto daquele em que ele e o leitor interagem.<sup>4</sup>

Inicialmente, o jornalista traz o *sumário* da sequência (“Mar de lama”), com o qual busca antecipar um aspecto do fato que será abordado. Como esse *sumário* traz poucas informações e remete tanto à lama das obras públicas quanto à “lama” da corrupção ligada a desvios de dinheiro público, ele parece ter como fim mais despertar a curiosidade do leitor do que facilitar a compreensão da sequência.

Depois, o jornalista informa, no *estágio inicial*, o local (BR-342, Espírito Santo, Minas Gerais) e o momento (1998) em que se produziram os acontecimentos, bem como parte das figuras reais do espaço público neles envolvidos (mineiros, capixabas, empreiteiras). Esses elementos temporais, espaciais e actoriais sinalizam, de modo explícito,

<sup>3</sup> Esse segmento faz parte da reportagem “Desvios subterrâneos”, a qual foi publicada na revista *Veja* de 06/01/2010 e integra o *corpus* da pesquisa apresentada em Cunha (2013).

<sup>4</sup> Segundo Bronckart (2007) e Filliettaz (1999), a disjunção entre o mundo que o discurso representa e o mundo em que o discurso se insere é própria da narratividade.

que o jornalista trata de um mundo outro ou disjunto em relação ao mundo em que ele e o leitor interagem por meio da reportagem.

Após o *estágio inicial*, o jornalista informa, na *complicação*, os fatos que motivaram a escrita da sequência narrativa e que foram sumarizados no título (irregularidades na pavimentação da rodovia). Esses fatos têm o potencial de chamar a atenção do leitor/cidadão, porque dizem respeito ao uso irregular do dinheiro público e, por isso, afetam uma grande parcela da população, os contribuintes.

Apresentados os acontecimentos, o jornalista, na *avaliação*, comenta a *complicação*, evidenciando que para ele as irregularidades encontradas no TCU são “uma estranheza atrás da outra”. O jornalista emite uma avaliação negativa sobre as irregularidades, avaliação que pode ser compartilhada pelo leitor, já que este, ao interagir com o jornalista, assume o status social de cidadão.

Feita a *avaliação*, o jornalista informa ao leitor, na *resolução*, o resultado da *complicação*. Uma vez descobertas as irregularidades, a paralisação das obras foi um resultado previsto. Ao informar esse resultado, o jornalista atende à expectativa do leitor de que este, por assumir o status de cidadão, será informado da consequência da descoberta de irregularidades em obras públicas.

Por fim, o jornalista apresenta, no *estágio final*, o estado resultante da *resolução*, informando ao cidadão como a rodovia está hoje (data da publicação da reportagem), depois da paralisação das obras.

Como evidencia a análise, o mundo representado no segmento constitui uma atualização do tipo narrativo da reportagem, o que revela que esse segmento é uma sequência narrativa. Esse mundo representado pode ser esquematizado por meio da seguinte estrutura referencial.

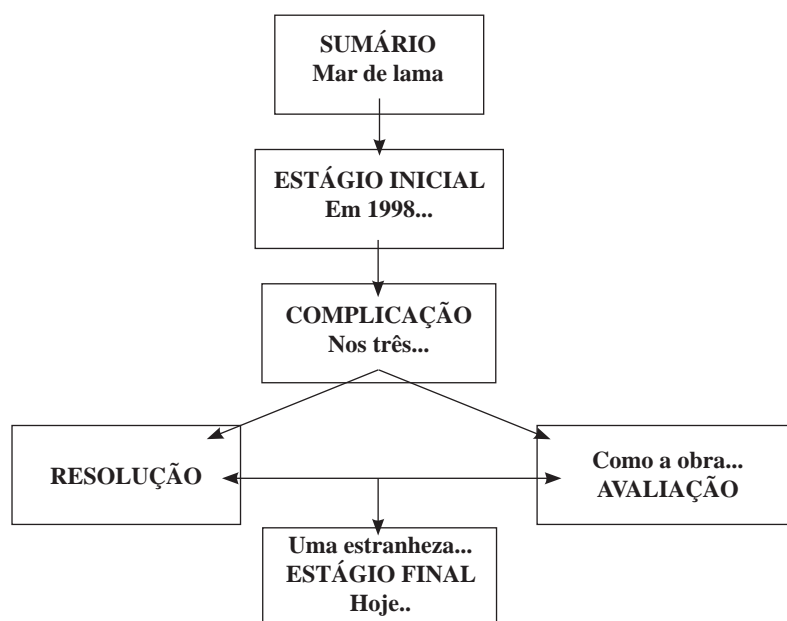


Figura 2. Estrutura referencial



Ao contrário de uma análise estritamente sequencial, a análise empreendida considera os interactantes (autor e leitor), as ações que realizam, os status sociais que assumem na interação (jornalista e cidadão), bem como as visadas típicas do gênero reportagem. A consideração desses elementos só é possível porque, para a abordagem proposta, os gêneros têm impacto sobre a constituição de seus tipos.

## Considerações finais

Este trabalho propôs uma abordagem para o estudo da relação entre gêneros do discurso e tipos do discurso. Contrapondo-se à hipótese de que os tipos seriam universais, atemporais e transversais em relação aos gêneros, a abordagem parte da hipótese de que essas noções são de tal modo imbricadas que cada gênero possui tipos específicos.

Na abordagem apresentada, o tipo de discurso é concebido como uma representação referencial típica sobre o mundo do discurso, a qual é fortemente impactada pelo gênero do discurso ou pela representação referencial sobre o mundo em que o discurso se insere. Esse modo de conceber os tipos busca dar conta do fato de que eles são tão sócio-historicamente constituídos quanto os gêneros, cuja estrutura composicional integram.

Assim, o tipo narrativo da reportagem é diferente do tipo narrativo da fábula, por exemplo, já que jornalista e fabulista não mobilizam os mesmos recursos referenciais. Em outros termos, cada gênero define os episódios característicos do seu tipo narrativo, uma vez que em cada gênero há uma maneira característica de narrar. Dessa forma, ao longo do processo de constituição histórica do gênero fábula, a moral foi selecionada como um episódio do seu tipo narrativo. O mesmo não ocorreu com o gênero reportagem, cujas propriedades definidoras não selecionaram a moral, mas selecionaram, como vimos, o sumário como categoria típica de sua narrativa.

Com a abordagem delineada, a finalidade é, então, contribuir para uma melhor compreensão da relação entre os gêneros e os tipos, chamando a atenção para a inadequação de hipóteses teóricas, como a da universalidade dos tipos de discurso, que tem como consequência a desconsideração do papel dos gêneros sobre a constituição dos tipos. Ao desconsiderarem o papel dos gêneros sobre o modo como tipicamente narramos, descrevemos ou argumentamos, as abordagens que se guiam pela hipótese dessa universalidade estão impossibilitadas de oferecer uma compreensão mais adequada do fenômeno complexo que constitui a construção da estrutura composicional de um gênero.

Porque parte da hipótese de que cada gênero possui tipos específicos e, consequentemente, de que os tipos não são um conjunto limitado de entidades universais e transversais em relação a todos os gêneros, a abordagem apresentada constitui um ponto de partida interessante para se pensar em respostas para algumas questões:

- Qual é o modo típico de descrever e argumentar no gênero reportagem?
- Qual é o modo típico de narrar, descrever e argumentar em outros gêneros?
- Como o modo típico de narrar, descrever e argumentar de um dado gênero se constituiu ao longo da história da formação desse gênero?
- Quais as semelhanças e as diferenças entre os modos típicos de narrar, descrever e argumentar em diferentes gêneros?

- É possível utilizar o modo típico de narrar, descrever e argumentar de um gênero para narrar, descrever e argumentar em outro? Que efeitos de sentido esse tipo de empréstimo pode causar?
- Quais implicações a hipótese de que cada gênero possui tipos específicos pode trazer para o processo de ensino e de aprendizagem dos gêneros e dos tipos?
- A hipótese de que cada gênero possui tipos específicos rejeita a ideia de que o aluno capaz de narrar segundo os moldes das narrativas literárias é capaz de narrar em qualquer gênero. Desse modo, como essa hipótese pode afetar as aulas e os materiais didáticos sobre os tipos de discurso?

Essas questões são relevantes porque, ao serem respondidas, permitem elucidar aspectos ainda desconhecidos do funcionamento dos gêneros e dos tipos, bem como do modo como deles nos valemos para alcançar determinados fins em interações específicas. Além disso, permitem repensar, em novas bases, práticas pedagógicas cristalizadas e talvez ineficazes para a aprendizagem dos gêneros e do modo como neles se narra ou se argumenta.

Por permitirem a colocação dessa série de questões para os estudos do texto e do discurso, consideramos que a presente abordagem e a hipótese subjacente a todas as etapas de seu desenvolvimento abrem uma perspectiva bastante promissora para investigações futuras.

## REFERÊNCIAS

- ADAM, J. M. *Les textes: types et prototypes*. Paris: Nathan, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Linguistique textuelle: des genres de discours aux textes*. Paris: Nathan, 1999.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.
- BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: Educ, 2007.
- CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. (Org.) *Gêneros: reflexões em Análise do Discurso*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso/Faculdade de Letras/UFMG, 2004. p. 13-41.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.
- CUNHA, G. X. O impacto do contexto na construção da narrativa em uma reportagem do jornalismo político. In: NETO, F. K.; RUFINO, J. A.; BAPTISTA, M. R. (Org.) *Espaços, sujeitos e sociedade: diálogos*. Barbacena: EdUEMG, 2009. p. 81-95.
- \_\_\_\_\_. *A construção da narrativa em reportagens*. 601f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Para entender o funcionamento do discurso: uma abordagem modular da complexidade discursiva*. Curitiba: Appris, 2014.
- FILLIETTAZ, L. Une approche modulaire de l'hétérogénéité compositionnelle du discours: le cas des récits oraux. *Cahiers de linguistique française*, v. 21, p. 261-327, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Actions, activités et discours*. 403f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Genebra, Genebra, 2000.
- \_\_\_\_\_. La place du contexte dans une approche praxéologique Du discours. Le cas de l'argumentation dans les interactions scolaires. *Pratiques*, n. 129-130, p. 71-88, 2006.

- GOFFMAN, E. *Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise*. Petrópolis: Vozes, 2012[1986].
- HERNANDES, N. *A mídia e seus truques: o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público*. São Paulo: Contexto, 2006.
- LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In: LABOV, W. *Language in the inner city: studies in the black english vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- MARCUSCHI, L. A. A questão do suporte dos gêneros textuais. *Língua, linguística e literatura*. v. 1. n. 1, p. 9-40, 2003.
- ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 184-207.
- ROULET, E.; FILLIETTAZ, L.; GROBET, A. *Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours*. Berne: Lang, 2001.
- SCHNEUWLY, B. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: SCHNEUWLY, B. et al. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 19-34.